

# Diferenciação, visibilidade social e singularização: estratégias adotadas pelos correspondentes internacionais brasileiros em busca de uma vitória identitária

Luciane Fassarella Agnez<sup>1</sup>  
Dione Oliveira Moura<sup>2</sup>

## Resumo

Buscamos, neste trabalho, analisar as estratégias para uma vitória identitária dos jornalistas correspondentes internacionais brasileiros, observando a correspondência internacional enquanto um posto de trabalho na carreira jornalística que vive um cenário de tensões que desencadeiam uma crise de identidade profissional. No cenário, destaca-se um novo contexto tecnológico e empresarial, além de transformações no papel e lugar do jornalismo e de novas demandas das relações internacionais. Assim, fases de ruptura podem desencadear mudanças identitárias e processos estratégicos de defesa de uma identidade profissional. A pesquisa se desenvolve com o propósito de compreender a prática e as percepções sobre o posto de correspondente internacional a partir de pontos de vista dos próprios sujeitos, por meio de entrevistas com 15 profissionais brasileiros que atuam ou atuaram como correspondentes em algum momento da carreira. Percebemos como os correspondentes caminham em busca dessa vitória identitária e da manutenção do seu posto de trabalho, a partir de três estratégias: diferenciação, visibilidade social e singularização.

Palavras-chave: Correspondente internacional. Identidade profissional. Identidade estratégica.

## Abstract

In this paper, we seek to analyze the strategies for an identity victory of the international correspondent journalists in Brazil, observing international correspondence as a job in the journalistic career that faces a scenario of tensions

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UNB) e professora de jornalismo do Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). E-mail: luagnez@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UNB) e professora do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UNB). E-mail: dioneoliveiramoura@gmail.com.

that trigger a crisis of professional identity. In the scenario, a new technological and business context is highlighted, as well as transformations in the role and place of journalism and new demands of international relations. Thus, phases of rupture may trigger identity changes and strategic processes to defend a professional identity. The research is developed with the purpose of understanding the practice and perceptions about the post of international correspondent from the points of view of the subjects themselves, through interviews with 15 Brazilian professionals who work or have worked as correspondents at some point in their career. We perceive how the correspondents walk in search of this identity victory and the maintenance of their workstation, from three strategies: differentiation, social visibility and singularization.

Keywords: International correspondent. Professional identity. Identity strategy.

### **Introdução**

Desde o século XVII, o jornalismo internacional apresenta-se como alternativa para se obter informações de outras partes do mundo e nesse percurso de quatro séculos contou com variadas tecnologias - próprias a cada era da sociedade - para acelerar, facilitar e modificar a circulação de notícias originadas no exterior. Primeiramente, as agências internacionais de notícias contribuíram para a expansão de uma rede global de informações (THOMPSON, 1998). Em seguida, os jornais, passaram a investir em escritórios em cidades distantes das sedes.

No século XIX, o correspondente internacional surge como um posto de trabalho na carreira jornalística. As origens desta atividade estão na correspondência de guerra (PALMER, 2005; WILLIAMS, 2011), momento em que nasceu a figura do enviado especial. Entretanto, o correspondente internacional não tem uma permanência temporária como o enviado especial; por outro lado, fica baseado numa cidade estrangeira, distante da sede do jornal, por determinado período de tempo a fim de produzir material jornalístico com regularidade.

O jornalismo, enquanto prática profissional, convive com uma necessidade ainda presente de legitimação social e identitária do grupo. Ruellan (1993) propõe que se compreenda o jornalismo não como um campo fechado, uma profissão dentro do conceito funcionalista, mas como uma profissão de “fronteira”, pelo fato do jornalismo ter limites imprecisos.

Numa comparação com as chamadas profissões estáveis (como medicina, engenharia e direito), nas quais o prestígio está intrínseco ao fato de se poder exercer tais

atividades, Hughes (1960) afirma que, no caso das profissões modernas, a valorização ocorre no curso das trajetórias individuais dos profissionais – o que parece ser o caso do jornalismo. Ao adotar a ideia de “carreira” enquanto uma progressão dos postos de trabalho, a correspondência internacional é apontada como o “topo” da carreira de repórter e detentora de grande status profissional (SILVA, 2011).

Fazer parte de um grupo profissional significa dividir práticas e conhecimentos, proporcionando um reconhecimento social e uma valorização de quem são esses membros. A identidade profissional no jornalismo é uma aquisição histórica, decorre dos processos de legitimação e a forma identitária dos jornalistas é coletiva, se define a partir da assimilação e da interiorização dos valores do grupo (LE CAM, 2006).

A origem do jornalismo profissional esteve diretamente vinculada à prática da reportagem, a qual marcou o campo ideológico da atividade e definiu as práticas por meio de técnicas de coleta e produção das notícias. Entretanto, o próprio desenvolvimento do campo e a incorporação de novas atividades fizeram com que não funcionasse mais uma identificação única, cabendo a cada função ou posto de trabalho definir a própria cultura de produção que o diferencia.

As identidades, no contexto social, são compreendidas enquanto um conjunto de significações que abrangem uma realidade ao mesmo tempo física e subjetiva, construída a partir das experiências dos sujeitos e resultado de sensações (consciência) sobre “si” em relação aos demais atores e ambientes externos (MUCCHIELLI, 2009). De acordo com este autor, as profissões fazem parte das instâncias objetivas (históricas e materiais, verificáveis) que constituem uma identidade social. Consideramos ainda que, a partir da consolidação das sociedades urbanas e pós-industriais, as profissões assumiram cada vez mais um papel determinante para as definições da “consciência de si” e na valorização social (DUBAR, 1999).

Contudo, as formas identitárias não são permanentes e estão suscetíveis a dissonâncias entre as convicções internas e as relações com o ambiente exterior, a partir de perturbações que possam gerar dificuldades de autorreconhecimento e de consequente reconhecimento social (MUCCHIELLI, 2009).

Isso é o que se define como crise de identidade, que, para Dubar (1999), está associada ao mal-estar provocado pelos momentos de mudanças, quando o referencial do passado é desestabilizado e o futuro ainda não tem parâmetros claros. Desde essa perspectiva, buscamos compreender de que modo as diversas transformações sociais que

ocorreram a partir do final do século XX e início do século XXI estão afetando a estrutura identitária dos correspondentes internacionais brasileiros.

No conjunto de tais transformações, destacamos fatores econômicos, tecnológicos e geopolíticos que afetaram a prática jornalística de modo mais geral e a correspondência internacional particularmente. No primeiro conjunto, observamos questões relativas aos modelos de negócio das empresas de mídia de todo o mundo, impactando especialmente no número de jornalistas e escritórios ao redor do planeta. Os quadros estão reduzindo e isto é apontado na literatura tanto internacional, quanto brasileira (NATALI, 2004; MOORE, 2010; SILVA, 2011; WILLIAMS, 2011). As políticas de redução de custos operam ao mesmo tempo em que as mudanças tecnológicas permitiram novas formas de cobertura do noticiário internacional. Em contraponto a tal redução de postos, pesquisas confirmam o lugar do correspondente internacional a partir de uma função testemunhal (MIRANDA; LOBATO, 2018).

A atividade jornalística da correspondência internacional sempre esteve associada ao desenvolvimento tecnológico (SILVA, 2011). No final do século XX, a acelerada evolução das tecnologias da comunicação permitiu a este profissional maior mobilidade e também um acúmulo de funções, como a do “profissional multimídia”, que produz um número maior de informações para mais plataformas. O avanço tecnológico também ampliou as alternativas para se ter acesso ao noticiário internacional, que até mesmo dispensam a necessidade de se manter um correspondente fixo em outro país (HAMILTON; JENNER, 2004). Estudos como o de Hagen (2015) também registram alterações com a redução da presença do correspondente estrangeiro in loco.

De toda forma, é pacífico que “a prática e a profissão do jornalismo foram abaladas e revolucionadas pela Internet” (LEVINSON, 2019, p. 8). Contudo, não há consenso sobre qual a dimensão de tais transformações. Do ponto de vista do Paradigma das Transformações (CHARRON; De BONVILLE, 2016), ainda resta a definir se tais transformações seriam, majoritariamente o que os autores denominam como ‘mudanças normais’, ou se está estabelecida uma mudança mais estrutural.

Em complemento a este conjunto de transformações, o mundo tem passado por um reordenamento geopolítico decorrente de fatores políticos e informacionais. As nações hegemônicas não mais se destacam com absoluta supremacia e novos atores surgem para impor outros enfoques inclusive da cobertura jornalística. O contexto da globalização tem exigido dos correspondentes internacionais que saibam cada vez mais sobre mais

assuntos, ressaltando a importância da atividade enquanto difusor de um cosmopolitismo para as mais diversas regiões (HANNERZ, 2004; WILLIAMS, 2011). Neste cenário, o Brasil, em particular, tem alterado significativamente a sua posição enquanto um dos atores internacionais que impactam a nova geopolítica mundial.

Diante disso, o problema de pesquisa pode ser resumido em torno da seguinte questão: diante de tais perturbações, estariam os correspondentes internacionais brasileiros vivendo um momento de crise de identidade? Assim, quais estratégias identitárias implementadas por este grupo para alcançar uma vitória identitária (KASTERSZTEIN, 1990) que lhes possibilitem, ainda, um reconhecimento social?

O objetivo geral da pesquisa é, então, analisar a estrutura identitária profissional dos correspondentes internacionais brasileiros, enquanto um posto de trabalho na carreira jornalística. Para isso, procuramos conhecer o percurso do trabalho de correspondentes internacionais no período que compreende as últimas décadas do século XX e a primeira do século XXI, identificando as tensões e possíveis mutações em sua rotina e perfil profissional.

Por um lado, as análises psicológicas sobre identidade contribuem para a compreensão os processos de “consciência de si” em interação com o ambiente externo. As profissões são apontadas por Mucchielli (2009) como parte das referências psicossociais que estruturam a identidade dos indivíduos. Em paralelo a esta perspectiva, consideramos a importância dos processos de socialização (DUBAR, 1999) na evolução da nossa estrutura identitária. Assim, a identidade profissional assume especial importância na construção das identidades dos sujeitos. Aplicando esta compreensão ao jornalismo, em especial no caso brasileiro a partir do posto de correspondente internacional, visamos entender os processos de valorização desta atividade, de identificação ao grupo profissional e de possível diferenciação e de luta por uma identidade supostamente em crise.

### **Síntese dos procedimentos metodológicos**

Neste artigo, especificamente, iremos dedicar-nos a destacar as estratégias adotadas pelos correspondentes internacionais em busca de uma vitória identitária. Para isso, entrevistamos 15 jornalistas brasileiros que atuam ou atuaram como correspondentes internacionais em algum momento da carreira. Ao adotar esta metodologia, objetivamos a reconstrução do ponto de vista dos próprios profissionais a respeito da autoconsciência do papel assumido e da identidade profissional a ele vinculada, buscando reconhecer a

identidade anunciada pelo ator por meio de técnicas que o interroguem, como sugere Mucchielli (2009) em estudos sobre identidade.

Antes da aplicação das entrevistas e para o levantamento de indicadores, foram realizados dois pré-testes de entrevistas com correspondentes internacionais. Além disso, foi aplicado um questionário fechado a 34 jornalistas brasileiros que exerciam ou exerceram a atividade no exterior. A partir de tais informações, estruturamos um roteiro-guia para as entrevistas qualitativas, com quatro grupos de categorias para análise: 1) perfil do profissional (trajetórias individuais e características definidas como ideais); 2) rotinas produtivas (dinâmicas diárias, relação com fontes, adoção de tecnologias digitais e processos de convergência); 3) carreira (sequência de postos de trabalho, relação de prestígio e recompensas profissionais); 4) papéis assumidos (tarefas desempenhadas na produção jornalística e tendências futuras).

Entrevistamos correspondentes internacionais brasileiros divididos em dois grupos:

- Grupo 1: Correspondentes Atuantes no Século XXI (jornalistas brasileiros que concentraram o principal período de atividade como correspondentes nos anos 2000);
- Grupo 2: Correspondentes Atuantes no Século XX (jornalistas brasileiros que exerceram a atividade sobretudo entre os anos de 1970 e 1990).

A análise empreendeu uma comparação entre duas gerações de jornalistas brasileiros, uma vez que a revisão de literatura sobre a área indicava mudanças entre o perfil dos correspondentes do passado e os da atualidade (NATALI, 2004; WILLIAMS, 2011; SILVA, 2011). O conjunto de perturbações que impactaram o jornalismo e particularmente a correspondência internacional, apontadas como sinais de uma crise de identidade, enquadra-se no marco temporal de virada de século, a partir dos anos 1990 e início dos 2000.

No Grupo 1, entrevistamos oito correspondentes internacionais que exerciam a atividade no ano de 2013: Bernardo Mello Franco, da Folha de S. Paulo em Londres; na mesma cidade também Fernando Nakagawa, da Agência Estado, Sérgio Utsch, do SBT, e Vivian Oswald de O Globo; Jamil Chade, de O Estado de S. Paulo, fixado em Genebra; Letícia Fonseca, da Rádio France Internacional, em Bruxelas; Mauro Tagliaferria, que esteve em Lisboa pela TV Record; e Marcos Uchôa pela TV Globo, em Paris.

No Grupo 2, ouvimos sete jornalistas que se tornaram correspondentes internacionais entre as décadas de 1970 e 1990: Clóvis Rossi, que atuou pela Folha de S. Paulo em Buenos Aires e Madri; Carlos Eduardo Lins da Silva, que atuou nos Estados

Unidos em três momentos diferentes, pelo Diário de S. Paulo e pela Folha de S. Paulo; Nelson Franco Jobim, que trabalhou em Londres pelo Jornal do Brasil; Sílio Boccanera, com uma passagem pelos Estados Unidos, também pelo Jornal do Brasil, e um longo período em Londres pela TV Globo e pela Globonews; Sandra Passarinho, da TV Globo, que inaugurou o escritório da emissora na Europa (Londres); Moisés Rabinovici, que atuou em Israel e em Washington, pelo O Estado de S. Paulo, e em Paris pela revista Época; e Cristiana Mesquita, que iniciou sua carreira em Londres, pela TV Globo, e atuou em diversos países e veículos, estando há um década na Associated Press .

Ao falar das trajetórias individuais e ao objetivarem os desafios enfrentados pelos correspondentes internacionais, as competências tidas como ideais para a função e as características da atividade no jornalismo brasileiro, estes profissionais nos permitiram reconstruir pontos de vista de uma identidade projetada e negociada com o meio.

Importante ainda registrar que os depoimentos colhidos nas entrevistas, relatadas a seguir, não devem ser percebidos como verdades absolutas sobre o que é a profissão, mas estão dentro de um sistema de valores da profissão, sistema este incorporado pelos jornalistas, até mesmo como uma estratégia identitária, como afirma Le Cam (2006). Isto dado que os jornalistas podem (e é o que percebemos que fazem) apresentar uma identidade reivindicada (colhida dos depoimentos) que, ao ser formulada pelos jornalistas, estabelece uma espécie de negociação com a identidade atribuída socialmente aos correspondentes internacionais.

## **Discussão**

Neste artigo, como informado acima, nosso foco é identificar as estratégias identitárias adotadas pelos correspondentes internacionais em busca de uma vitória identitária. As entrevistas, pois, nos permitiram identificar a presença das três estratégias nomeadas por Kastersztejn (1990) como presentes nas situações em busca de vitória identitária. O primeiro caminho é pela diferenciação: as pessoas buscam novas condutas, novos espaços de vida, inventam novas dimensões de julgamento e de valores, num mecanismo fundamental como a conformação entre o ambiente externo e as convicções interiores. Outro meio é pela busca da visibilidade social, pelo reconhecimento, cujo objetivo é ser identificado, escutado e individualizado. A este se complementa a estratégia da singularização, um mecanismo mais extremo da diferenciação, definida como uma

necessidade psicológica que atua para vencer as barreiras da cultura dominante (KASTERSZTEIN, 1990).

Quanto à adoção por parte dos correspondentes brasileiros das estratégias identitárias de busca de diferenciação, de visibilidade social e de singularização, como propõe Kastersztein (1990), a partir das entrevistas, expomos os principais resultados a seguir.

### **Estratégia de vitória identitária por meio da diferenciação**

Nesta situação, os correspondentes procuram novas condutas e espaços de atuação e conformam as convicções interiores com o ambiente externo, por exemplo, quando aceitam as longas jornadas de trabalho e a adoção de novas tecnologias como “naturais” à atividade, necessárias até, criando novas dimensões de julgamento e de valores.

A jornada de trabalho de um correspondente é extensa, devido aos horários de fechamento das edições impressas, além de não dispor de uma equipe para revezar. A adoção das tecnologias digitais ainda ampliou essa rotina, como ilustra o correspondente da Folha Bernardo Melo Franco:

A chamada “sinergia”, “convergência de mídias”, ao invés de abrir mais postos de trabalho, ela tem infelizmente servido – não digo só no Brasil, mas no mundo todo – para que o jornalista acumule mais funções com a mesma remuneração. (...) Então, no meu caso, eu não sou mais repórter só de impresso desde que eu cheguei aqui, a demanda do site é enorme, ela é desconectada dos horários da redação, então por conta disso você trabalha todos os dias por muitas horas. Porque o pico do site é de manhã no Brasil e o pico do jornal é a noite (FRANCO, 2013).

O relato do jornalista da Folha representa as demandas contemporâneas de produção para múltiplas plataformas. Apesar dos padrões e fluxos do processo de produção das notícias, cada profissional se organiza para administrar a vida pessoal com as atividades profissionais. Apesar de cansativa, a rotina extensa não é apontada como um “problema”, mas sim como algo necessário, que faz parte da missão dos correspondentes.

O jornalista Fernando Nakagawa ilustra como o expediente, de fato, nunca encerra e o trabalho remoto acontece 24h por dia, pois fica sob alerta, caso ocorra algum fato importante, repentino. Ele diz que nunca desliga o celular: “Nunca, nunca mesmo, eu fico numa nóia bizarra com isso” (NAKAGAWA, 2013).

Mauroa Tagliaferri, que foi correspondente da Record até 2013 em Lisboa, diz que a longa jornada nunca foi uma reclamação:

Isso é normal, não me incomodava, de modo algum, porque dava pra administrar direito o tempo. Eu entendo que quem está no exterior, por toda a contingência, o volume de trabalho, questão de fuso horário, o fato de estar sozinho ali, ou é você ou é você, não tem outro jeito, então eu acho que isso faz parte do cargo (TAGLIAFERRI, 2013).

Em outro contexto, o veterano Carlos Eduardo Lins da Silva afirma que trabalhar em casa tem a “vantagem” (entre aspas mesmo) de estar o tempo inteiro com a família, mesmo que muitas vezes precisasse sacrificar o convívio pelo excesso de atividades: “correspondente não tem férias, é muito difícil conseguir tirar férias quando você é a única pessoa do jornal no país” (SILVA, 2014).

A jornalista Sandra Passarinho defende que o profissional deve ter um desapego a rotinas e não ser um “burocrata”, no sentido de esperar ser demandado. A respeito da sobrecarga de trabalho, ela reitera que é fato, mesmo em grandes empresas, como a CNN e a BBC, assumindo não ser um caso só do Brasil. “A tendência no mundo inteiro é adotar equipes reduzidas que exerçam múltiplas tarefas” (PASSARINHO, 2014). Porém ela conforma a aceitação de tal realidade externa, com a convicção interna de que:

Não se pode fazer reportagens sentado numa sala com um computador e aparatos digitais apenas. As informações geradas a partir de blogs, que se multiplicam, devem ser muito bem examinadas, sob pena de se divulgar erros, por exemplo. [...] A presença de um jornalista no local onde o grande fato ocorre sempre dará mais credibilidade à cobertura, seja ela escrita, radiofônica ou televisada. Atualmente, frente aos custos, as escolhas ficam mais restritas (PASSARINHO, 2014).

O desafio é conciliar, portanto, as demandas de quem acumula funções, ao ser exigido para ser multitarefas, não tem equipe e atua com pouca estrutura; com o ideal que inspira a profissão: ser um jornalista com “faro de repórter”, com iniciativa, presente nos fatos. Tal perspectiva está presente nos discursos das duas gerações de entrevistados, ainda que tenham vivido contextos socioeconômicos e tecnológicos diferentes, com impacto direto sobre as rotinas de trabalho.

Destaca-se ainda a valorização de se ter boa experiência de reportagens ainda no Brasil, para cobrir de buraco de rua a processos eleitorais, e a capacidade de improvisação, de tomar iniciativas, que vá para a rua, como ilustra esta fala de Jamil Chade:

(...) um correspondente em casa assistindo na televisão a eleição e escreve como correspondente, não dá mais, esse comportamento já não dá mais, por que? Porque aquela televisão o pessoal de São Paulo também está assistindo. Então o meu princípio é que tem que estar no local, a gente tem que ter o acesso que qualquer CNN, New York Times, a gente tem todos os direitos de ter exatamente o mesmo acesso, então pra isso você tem que estar lá (...). Claro, tem que ser um bom repórter, o cara que não vê o trabalho como uma burocracia, um cara que não tem horário (CHADE, 2013).

### **Estratégia de vitória identitária por meio da visibilidade social**

Nesta situação, os correspondentes entrevistados apostam no reconhecimento que a correspondência confere, por meio do prestígio que o posto gera ao jornalista e do prestígio que o posto no exterior gera ao veículo. Este profissional, desde os primórdios, no século XIX, está submerso em uma série de mitos que abrangem muitas vezes uma visão romântica, ora heroica, admirada e glamourizada dentro do jornalismo. Há na verdade uma visão bastante romântica em relação aos correspondentes internacionais, que é alimentada pelos próprios profissionais (WILLIAMS, 2011).

O glamour, como ficou evidenciado nos depoimentos, é algo muito mais percebido pelos outros atores que compõem o campo jornalístico: colegas de profissão, jovens que almejam o cargo, o público que imagina o que é viver em outro país e que prestigiam o veículo, que se beneficia disso ao se diferenciar dos demais com uma rede de jornalistas ao redor do mundo.

No entanto, este glamour é bem menos sentido por quem está na função, vivendo condições de controle de gastos, trabalhando da residência, com dificuldades para estabelecer fontes no território internacional. O prestígio, então, é algo da esfera simbólica e não material.

Na opinião da jornalista Letícia Fonseca, a respeitabilidade por este profissional se deve, em parte, ao fato dele se tornar os olhos do veículo naquela região. “Ao mesmo tempo em que tem glamour, tem muita responsabilidade também” (FONSECA, 2013). O prestígio não decorre somente do fato de morar em outro país, mas pelo correspondente lidar com situações que não existem no dia a dia no Brasil.

O jornalista Marcos Uchôa, durante a entrevista, também ressaltou que o status do cargo está relacionado com o fato de que, historicamente, as pessoas eram premiadas com isso, “até porque antigamente esse ‘morar fora’ era em lugares glamourosos... E tem uma certa viralatisse nossa, brasileira, de achar que tudo que está lá fora é melhor” (UCHÔA, 2013).

Outro ponto é apontado pelo jornalista entrevistado Bernardo Mello Franco, que acredita que esse reconhecimento é reflexo da alta procura pelo posto, possível apenas para poucos.

Claro que é: “nossa, que legal, você mora em Londres”, um monte de gente gasta uma fortuna pra morar nessas cidades e um correspondente está recebendo salário pra isso, ne? Então é óbvio que é uma experiência privilegiada, que poucas pessoas têm e muitas pessoas querem ter. Mas ao mesmo tempo ela tem muitas dificuldades também, é uma vida muito solitária, tem que ter um senso... tem que ter o espírito de “se virar”, de procurar as coisas, de autonomia, de enfrentar adversidades, de trabalhar em situações adversas (FRANCO, 2013).

As pessoas podem achar que é glamoroso também porque, em parte “a correspondência acaba sendo exercida por pessoas mais tarimbadas na profissão, em geral o correspondente é um jornalista que adquiriu um patamar de conhecimento pra si maior do que o jornalista que fica na redação na sede”, explica o jornalista veterano Carlos Eduardo Lins da Silva.

Correspondentes mais jovens, ouvidos nesta pesquisa, acreditam que o status de ter um correspondente no exterior confere ao veículo ainda será um fator garantidor do cargo, ao menos nos veículos mais tradicionais. Foi o que afirmou, por exemplo, o entrevistado Bernardo Melo Franco. O fato é que os veículos de comunicação “sempre verão como questão de prestígio para eles – não para o correspondente, mas para eles, diante do leitor deles – mostrar que tem gente no local” (FRANCO, 2013).

Enquanto que na visão dos mais experientes, o que ainda vale a manutenção do posto é, sobretudo, o diferencial da cobertura por um “olhar brasileiro”, a defesa de que “nada substitui o repórter” no local do evento, com uma rede de fontes e conhecedor da cultura local, em busca daquele material único, diferenciado.

### **Estratégia de vitória identitária por meio da singularização**

Nesta estratégia, consciente ou inconscientemente, os correspondentes defendem o posto de trabalho como algo único, singular. A definição das competências ideais para um jornalista que deseje se tornar correspondente fez com que os entrevistados objetivassem uma visão de si próprios. Para ambos os grupos, estes profissionais precisam dominar idiomas; ter um repertório cultural; conhecer os assuntos internacionais; ter facilidade para migrar entre várias editorias; ter iniciativa para trabalhar com a autonomia e a responsabilidade que o cargo exige; devem assumir uma postura também de gestor e algumas vezes de “embaixador” do veículo na região. Tudo isto, sem perder o melhor do “faro de repórter”.

O jornalista entrevistado Sérgio Utsch, por exemplo, não acredita na extinção da correspondência internacional em médio prazo, por dois motivos centrais: o primeiro é a necessidade que ainda existe de ter brasileiros cobrindo temas de brasileiros; e, segundo, o fato de que a existência dos correspondentes ainda é uma “coisa política para as empresas, é importante para as empresas terem representantes em Londres, em Nova York”, mesmo que esses representantes trabalhem “num sofazinho atrás de uma câmera” (UTSCH, 2013).

Para o entrevistado Marcos Uchôa é o “olhar” do correspondente que continuará fazendo a diferença. “Eu acho que é insubstituível” (UCHÔA, 2013), pelo fato de ter brasileiros que contam histórias para brasileiros, que façam esse exercício de explicar ou expor a globalização sem perder o olhar local. Em complemento, o correspondente Bernardo Mello Franco argumenta, na entrevista que nos concedeu, que o jornal quer alguém em quem confie, em comparação com a alternativa de coberturas por meio de freelancers ou pela internet, por exemplo, o que seria um elemento de singularização também.

A “salvação” da função do correspondente internacional, na perspectiva do entrevistado Fernando Nakagawa, passa também por uma estratégia de singularização, a qual está na combinação entre a visão do país de origem e a acumulação de informações sobre a região de cobertura que só a experiência de viver lá possibilita.

O jornalista entrevistado Jamil Chade ainda ressalta que o trabalho do correspondente brasileiro no exterior mudou muito nos últimos anos, pelo próprio aumento da relevância do Brasil no contexto internacional, e cabe ainda ao correspondente brigar por espaço na cobertura lá fora, no acesso às fontes: “é nosso trabalho ensinar pra essas pessoas qual o impacto deles falarem pro Brasil” (CHADE, 2013).

No segundo grupo de entrevistados, o jornalista Clóvis Rossi defende um futuro para a correspondência internacional, uma vez que, diante da quantidade alucinante de informações que circulam na internet, é cada vez mais necessário alguém que recolha tudo isso e dê um certo sentido. “Nada, nada substitui a presença de um repórter no local dos fatos, em termos de qualidade” (ROSSI, 2013).

Para o jornalista entrevistado Moisés Rabinovici, hoje em dia o que vale é singularidade, “o que tiver aquela notícia que ninguém tem, esse aí tem leitor” (RABINOVICI, 2013). O caso, segundo ele, não é “forçar a barra” para ser o único a dar determinada notícia, mas ter um viés único que explica o que está acontecendo e em que nível, e é o que fará no jornalismo que o papel do correspondente sobreviva.

A experiente Cristiana Mesquita, durante a entrevista, problematiza a dificuldade de dar essa visão abrangente diante de um cenário hiperconectado, que demanda do jornalista diversas produções ao longo do dia:

you made the work much more dynamic, but I still don't have certainty if it's better, it's a journalism very reactive, you react to things that simply are happening, instead of a journalism in which you plan, you think, you search for elements to tell the story and make a good story, there are still people doing this, but they are few (MESQUITA, 2013).

Ela ainda espera que “os jornalistas continuem indo até lá fazer matéria porque você precisa ter o olhar profissional sobre a notícia” (MESQUITA, 2013), pois, ainda que o trabalho amador que traz vídeos e imagens, por exemplo, seja sensacional, ainda vai haver a necessidade de um jornalista profissional para averiguar a veracidade daquilo. Na visão dela, talvez a principal concorrência venha dos chamados stringers, jornalistas nativos do local de cobertura, uma vez que cada vez menos empresas têm mostrado condições de manter estruturas em diferentes partes do mundo. Ela estende a reflexão, sobre a crise identitária dos correspondentes, com a manutenção da própria profissão de jornalista: “eu acho que as grandes empresas vão continuar fazendo (escritórios estrangeiros) enquanto elas existirem, o que também é outra incógnita, enquanto elas existirem” (MESQUITA, 2013).

A defesa da importância do “olhar brasileiro” sobre os fatos internacionais, oferecendo para a audiência um repertório que lhe é compreensível, com recortes, análises, conjunturas, exemplos e tudo o mais que seja necessário para explicar os acontecimentos,

foi transversal aos dois grupos de entrevistados e uma constante nos depoimentos e, em nossa análise, é uma estratégia de vitória identitária por meio da singularização.

### **Considerações finais**

O cenário analisado identifica a presença do que Mucchielli (2009) define por crise de identidade: a dissonância entre as convicções internas e as relações com o ambiente externo. Nele, concluímos que os dois grupos, que marcam duas gerações de correspondentes internacionais brasileiros, mais se aproximam do que se distanciam, quando o assunto é identidade profissional. Há semelhanças entre as estruturas identitárias das duas gerações, mesmo diante de mudanças na prática profissional.

O posto de correspondente carrega valores que são reconhecidos socialmente, porém, como aponta Adghirni (2013), há uma incoerência entre a importância do trabalho de correspondente que os próprios entrevistados relatam e o “empobrecimento” no conteúdo do noticiário internacional. A redução do espaço para a temática e do número de profissionais no exterior contribuiriam para esta perda de qualidade. Estudos comprovam que este fenômeno está ocorrendo, talvez até mais fortemente, na Inglaterra (MOORE, 2010) e nos Estados Unidos (WILLIAMS, 2011), países pioneiros na cobertura internacional. Lá, os altos custos para manter escritórios em outros países não seriam compensados pela baixa procura da audiência por esse tipo de informação. Além disso, a emergência de novas formas de cobertura do noticiário internacional oferece alternativas à figura do correspondente tradicional (HAMILTON; JENNER, 2004).

Estamos falando de uma identidade coletiva, quando processos psicológicos individuais interagem com ações de grupos, estratégias de legitimação e reserva de um mercado de trabalho. A principal estratégia identitária seria a estratégia de singularização utilizada pelos profissionais entrevistados para a defesa da manutenção dos correspondentes internacionais está no “olhar brasileiro” sobre os fatos, o qual seria “insubstituível”.

É ainda relevante destacar que a estrutura identitária vinculada ao trabalho do repórter foi transversal aos dois grupos de entrevistados. Tanto quando eles próprios expressaram a consciência de si, quanto quando apontaram quais as características ideais para um correspondente: o ponto mais recorrente foi ter as habilidades de um “bom repórter”. Assim, observamos que a identidade reivindicada pelos profissionais entrevistados está diretamente associada à posição do repórter, apesar da correspondência

representar um posto específico na carreira jornalística. Esta reivindicação é negociada com a identidade atribuída pelos demais atores com os quais o jornalista se relaciona como colegas da profissão, os donos dos jornais e o público.

Ainda que diante dessas transformações, a estratégia em busca de uma vitória identitária adota estruturas do passado e segue o que sugere Kastersztein (1990): pela diferenciação, os correspondentes procuram novas condutas, novos espaços de atuação e conformam as convicções interiores com o ambiente externo. Pela visibilidade social, apostam no reconhecimento que a correspondência confere, por meio do prestígio que o posto gera ao jornalista e do prestígio que o posto no exterior gera para o veículo. Enfim, pela estratégia da singularização, eles apontam o diferencial da atividade, assumindo que eles são os melhores dos melhores, ainda que inconscientemente, no sentido da produção da notícia, do repertório e do posicionamento que precisam assumir diante do processo noticioso.

### Referências

ADGHIRNI, Z. L. A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n.28, pp. 32-52, julho 2013.

CHADE, J. Entrevista concedida à autora, Genebra, 06 nov. 2013.

CHARRON, J.; De BONVILLE, J. **Natureza e Transformação do Jornalismo**. Brasília: FAC Livros; Florianópolis: Insular, 2016.

DUBAR, C. **La socialisation. Construction des identités sociales et professionnelles**. Paris: Armand Colin, 1999.

FONSECA, L. Entrevista concedida à autora, por Skype, 08 out. 2013.

FRANCO, B. M. Entrevista concedida à autora, Londres, 28 ago. 2013.

HAGEN, S. O apagamento do correspondente estrangeiro no local do acontecimento telejornalístico: a passagem comensalista e a editorialização da notícia narrada à distância. **Estudos de Jornalismo e Mídia**. v.12, n.1, 2015, pp. 98-109.

HAMILTON, J. M.; JENNER, E. Redefining foreign correspondence. **Journalism**, 5(3): 2004, pp. 301-321.

HANNERZ, U. **Foreign news**. Exploring the world of foreign correspondents. Chicago: The University of Chicago, 2004.

HUGHES, E. C. The Professions in Society. **The Canadian Journal of Economics and Political Science**, Vol. 26, N° 1, fev. 1960, p. 54-61. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/138818>. Acesso em: 22 out. 2013.

KASTERSZTEIN, J. Les strategies identitaires des acteurs sociaux : approche dynamique des finalités. In: CAMILLERI, Carmel et al. **Stratégies identitaires**. Presses Universitaires de France, 1990, pp. 27-41.

LE CAM, F. **L'identité du groupe des journalistes du Québec au défi d'Internet**. [Tese de doutorado]. Université Laval / Québec, Université de Rennes 1 / France, julho 2006.

LEVINSON, P. Prefácio. In: ITO, Liliane de Lucena; ROCHA, Paula Melani (orgs.). **Transformações do jornalismo na nova ecologia dos meios**. Aveiro: Ria Editorial, 2019. Disponível em: [http://www.riaeditorial.com/index.php/transformacoes-do-jornalismo-na-nova-ecologia-dos-meios/?preview\\_id=652&preview\\_nonce=f9b1975ab0&preview=true&\\_thumbnail\\_id=937](http://www.riaeditorial.com/index.php/transformacoes-do-jornalismo-na-nova-ecologia-dos-meios/?preview_id=652&preview_nonce=f9b1975ab0&preview=true&_thumbnail_id=937). Acesso em 22 jan. 2019.

MESQUITA, C. Entrevista concedida à autora, por Skype, 31 dez. 2013.

MIRANDA, J. S.; LOBATO, J. A. M. A alteridade entre o consumo e a vivência: O jornalismo internacional e a cobertura de conflitos na perspectiva de correspondentes e editores. **Revista Anagrama**. v.12, n.2, julho-dezembro 2018, pp. 1-13.

MOORE, M. Shrinking World. The decline of international reporting in the British press. **Media Standards Trust**, 2010.

MUCCHIELLI, A. **L'identité**. 7ª. Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

NAKAGAWA, F. Entrevista concedida à autora, Londres, 29 ago. 2013.

NATALI, J. B. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

PALMER, M. William Russel, du « travelling gentleman » au « special correspondent », 1850-1880. **Le Temps des médias**, n° 4, pp. 34-49, semestre 1 de 2005.

PASSARINHO, S. Entrevista concedida à autora, por e-mail, 07 jan. 2014.

RABINOVICI, M. Entrevista concedida à autora, por Skype, 15 dez. 2013.

ROSSI, C. Entrevista concedida à autora, por Skype, 04 dez. 2013.

RUELLAN, D. **Le professionnalisme du flou**. Identité et savoir-faire des journalistes français. Grenoble: Press Universitaires de Grenoble, 1993.

SILVA, C. E. L. da. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, C. E. L. da. Entrevista concedida à autora, por Skype, 07 mar. 2014.

TAGLIAFERRI, M. Entrevista concedida à autora, por Skype, 24 set. 2013.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

UCHÔA, M. Entrevista concedida à autora, por Skype, 21 nov. 2013.

UTSCH, S. Entrevista concedida à autora, Londres, 30 ago. 2013.

WILLIAMS, K. **International journalism**. London: Sage, 2011.

**Recebido em: 29/01/2019.**

**Publicado em: 23/07/2019.**